

## ESTRANHOS ESPELHOS: FOUCAULT, O MARXISMO E A AD FRANCESA

Fábio Luiz LOPES DA SILVA<sup>1</sup>

**RESUMO** *Este ensaio aborda um tema freqüentemente evitado: as complexas relações políticas e epistemológicas entre a obra de Foucault e a Análise de Discurso Francesa. Meu argumento é de molde a sustentar que essa evitação está fortemente ligada ao fato de muitos analistas de discurso renunciarem ao debate acerca das relações entre a forma atual AD francesa e o marxismo.*

**Palavras-chave** *Foucault; AD francesa; marxismo.*

**ABSTRACT** *This essay is an attempt to approach a subject frequently avoided: the problematic epistemological and political relationship between Foucault and French Discourse Analysis. The main claim is that this avoidance is closely related to the fact that many discourse analysts reject the debate on the relationship between current Discourse Analysis and Marxism.*

**Keywords** *Foucault; French Discourse Analysis; Marxism.*

### 0. INTRODUÇÃO

Certa vez, ao ser perguntado sobre o lugar da obra nietzscheana em seu trabalho, Michel Foucault desdenhou daqueles que o consideravam um mau intérprete da gaia ciência. Para ele, a única maneira de realmente homenagear Nietzsche consistia em “fazê-lo ranger” (Foucault [1979] 1984, p. 143). E é claro que, com isso, Foucault dava também uma pista acerca de como gostaria de que os seus próprios livros, ensaios e entrevistas fossem utilizados.

Pareceria, então, que, por seu turno, os analistas de discurso estariam *sempre* justificados no exercício de referir-se às idéias de Foucault. Afinal, diante dos eventuais gemidos do filósofo francês, um velho adágio poderia muito bem ser repetido: “Aqui se faz, aqui se paga, *Monsieur*”.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina

Há, no entanto, um detalhe que, no mínimo, perturba esse modo de indiscriminadamente legitimar a apropriação, pela AD francesa, do pensamento foucauldiano. É que, ao contrário do que os analistas de discurso *ainda fazem com o próprio Foucault*, o arqueólogo do saber *nunca citava diretamente o nome de Nietzsche em seus textos*. Tudo se passa, assim, como se ele quisesse esvaziar de qualquer argumento de autoridade o rendimento/rangimento que obtinha da letra nietzscheana.

Não que, por isso, toda menção ao nome de Foucault deva agora ser vista como um gesto espúrio dos analistas de discurso. Temo, entretanto, que a repetição ritual de certas passagens da obra foucauldiana tenha produzido, no limite, uma situação bizarra: não faltam hoje analistas de discurso que crêem — ou, pelo menos, fazem crer — que não existam diferenças significativas e talvez irredutíveis entre o pensamento de Foucault e o *mainstream* da AD francesa (no que, inclusive, eles não honram a memória de Pêcheux, sempre tão cuidadoso no trato das articulações teóricas). No entanto, e para dizer mínimo, como ignorar a distância epistemológica e política que separa os dois projetos? Em particular, não é possível fechar os olhos para o fato de que, vista em seu conjunto, a obra foucauldiana parece indicar uma tentativa de afastar-se do marxismo, campo que, com a psicanálise e a lingüística, vai justamente fundamentar o desenvolvimento da AD francesa.

Decerto que a vertente althusseriana, abraçada por Pêcheux, praticava um marxismo que, mesmo sem romper formalmente com o Partido, pôs em cheque os seus dogmas e experimentou uma leitura radical de Marx. Neste sentido, a superação foucauldiana do marxismo pode ser vista menos como uma crítica e mais como um desafio à AD francesa: 'Siga-me se for capaz'. Em todo caso, creio que seria muito importante verificar até onde tal desafio foi historicamente respondido (ou em que medida e por que ele não foi aceito) e se ele ainda é pertinente.

Na verdade, proponho este artigo sob o impacto da leitura de um texto recentemente publicado: o capítulo sobre a Análise de Discurso escrito por Fernanda Mussalin para a *Introdução à Lingüística* organizada por ela mesma e por Anna Christina Bentes. Ora, há certamente uma infinidade de razões para elogiá-lo, a começar pelo fato de que o texto caracteriza de modo muito elegante e esclarecedor as origens da AD francesa e as transformações por que a teoria passou até chegar à configuração contemporânea. De resto, a autora faz justiça ao conceito de formação discursiva, tomando-o acertadamente como a chave dos processos que modificaram não só o aparelho teórico mas o próprio objeto da AD francesa na década de setenta. Admira, no entanto, que uma exposição tão cuidadosa evite (à maneira de muitos outros trabalhos na área) o debate acerca do que houve e do que ainda poderia haver de problemático nas relações entre a AD francesa e a obra foucauldiana.

No curso das próximas páginas, estarei, em primeiro lugar, recenseando a trajetória intelectual de Foucault com o propósito específico de mostrar que o marxismo foi desde o início — e em níveis crescentes — questionado pelo filósofo

francês. Ao fim dessa tarefa, voltarei ao texto de Fernanda Mussalin para avaliar o modo como ela lida com as relações entre a AD francesa, o marxismo e a obra de Foucault. Espero deixar claro que, com essa crítica, meu objetivo é apreender a reflexão de Mussalin como exemplo de um padrão que se repete entre um certo número de analistas de discurso.<sup>2</sup>

## 1. ADERIR AO MARXISMO

Foucault tornou-se aluno da École Normale Supérieure na primavera de 1947, no momento mesmo em que o acirramento da Guerra Fria agitava particularmente os *normaliens*. Era preciso, enfim, que cada qual escolhesse o seu lado nos embates políticos que, a rigor, se estenderiam pelas décadas seguintes.

Por seu turno, Foucault não demorou muito a decidir-se. Na verdade, data do próprio ano de 1947 a sua primeira tentativa de ingressar no Partido Comunista Francês. O pedido de adesão foi, no entanto, recusado, uma vez que o solicitante manifestava abertamente o estranho desejo de não incluir entre as suas tarefas políticas a atuação no sindicato da École.

Seja como for, em 1950 a adesão foi de novo proposta e, desta feita, conseguida. Contudo, Foucault logo voltou a demonstrar a aversão à militância que marcara o primeiro pedido de inscrição. E como que para ratificar as suas tendências heterodoxas, passou no ano seguinte a chefiar um pequeno círculo de *normaliens* comunistas que, por sua extravagância, ficou conhecido como “o grupo folclórico”.

Mas a verdade é que, a despeito de seus pequenos “desvios de conduta”, Foucault estava longe de querer correr riscos maiores — e foi, ao fim e ao cabo, sob a pele de um bom soldado do partido que ele publicou o seu primeiro livro, *Doença mental e personalidade*, de 1954. Bem de acordo com as teses do PCF acerca do que poderia ser uma psicologia materialista, Foucault fez em seu volume de estréia o elogio de Pavlov. De resto, concluiu, por exemplo, que, se a doença mental encontra um modo de expressão privilegiado em um entrelaçamento de condutas contraditórias, “não é porque os elementos da contradição se justapõem como uma natureza paradoxal do inconsciente humano; é apenas porque o homem faz do homem uma experiência contraditória; as relações sociais que a economia atual determina sob as formas da concorrência, da exploração, das guerras imperialistas e das lutas de classe oferecem ao homem uma experiência de seu meio que a contradição assombra sem cessar.” (Foucault 1954 *apud* Eribon [1989] 1990: 82).

Parece, em todo caso, que a máscara da “disciplina revolucionária” não lhe caiu bem. Tanto isso é verdade que, menos de um ano depois, Foucault encaminhou o pedido de desligamento do PCF. Quanto a seu livro de estréia, é preciso

---

<sup>2</sup> Falo em “certo número de analistas de discurso” para não ser injusto com aqueles que se valem de Foucault mas qualificam essa apropriação.

acrescentar que, por iniciativa do próprio autor, jamais foi republicado nos termos de sua primeira versão. Terá, é certo, uma nova edição em 1962 — mas Foucault retira-lhe todas as referências a Pavlov. Como se não bastasse, substitui o próprio título por *Doença mental e psicologia*.<sup>3</sup>

## 2. PROVOCAR O MARXISMO

Se é verdade que Foucault deixou para trás o Partido e a sua vulgata, o mesmo não pode ser imediatamente dito de sua relação com o marxismo como campo intelectual. Pelo contrário: por volta de 1960, o filósofo francês, que desde muito cedo se interessara por Hegel, flertava com o pensamento lukacsiano, cuja leitura de Marx se dá justamente sob a forma de um diálogo com a sua fonte hegeliana. (Cf. Merquior 1985: 26).

De todo modo, foi Nietzsche, e não Lukács ou qualquer outro autor marxista, quem ofereceu a perspectiva que guiou em seguida a elaboração da *História da Loucura*, de 1961. O que não impediu, entretanto, que o marxismo rondasse a prosa de Foucault e eventualmente desse o ar de sua graça no calhamaço. Tal é, sem dúvida, o caso de uma certa passagem comentada por José Guilherme Merquior (1985: 31) nos seguintes termos:

Então, em fins do século XVIII e durante a maior parte do século seguinte, as reformas psiquiátricas, que tiveram como pioneiros o *quaker* William Tuke, no York Retreat, e Pinel, em Paris, isolaram os loucos da companhia dos mendigos e criminosos. Segundo a visão marxista de Foucault, os pobres deixaram de ser confinados porque o florescente industrialismo necessitava de mão-de-obra e de um exército de reserva.

Mas a relação com o marxismo não está apenas nesta ou naquela articulação localmente estabelecida por Foucault. Na realidade, a *História da Loucura* foi, em grande medida, uma tentativa de dialogar com os marxistas. Pelo menos, é isso o que o seu autor informa em uma entrevista concedida muito tempo depois, em meados dos anos setenta. Lançando um olhar retrospectivo sobre sua obra, Foucault lamenta então o fato de que o tratamento que dera aos temas loucura e da história da psiquiatria não interessaram “em absoluto aqueles para quem eu a[s] colocava.” (Foucault [1979] 1984: 2) E o que se segue na entrevista é um longo comentário sobre o papel que o PCF deve ter desempenhado para que, no fim das contas, os marxistas tomassem o problema posto na *História da Loucura* como algo “politicamente sem importância e epistemologicamente sem nobreza”. (Id. *Ibid.*).

O que Foucault não diz, contudo, é que a estratégia dominante para sensibilizar os marxistas foi, àquela altura mais do que nunca, absolutamente inadequada a esta

---

<sup>3</sup> Todas as informações contidas nesta seção foram retiradas de Eribon 1995.

função. Sim, pois, ao deixar-se orientar pelo “sol do pensamento nietzscheano”,<sup>4</sup> Foucault certamente invocava a obra do filósofo alemão em um sentido muito diverso daquele posto em cena pela fenomenologia, cujo vocabulário já fora, em todo caso, decodificado pelos marxistas. Antes, como aponta Roberto Machado (2000: cap. 1), tratava-se de um Nietzsche que chegava sob o filtro verdadeiramente insólito e radical da experiência literária de Blanchot e Bataille.

Em suma, talvez fosse o caso de supor que, *quanto ao tema*, a *História da Loucura* não merecesse o desprezo com que foi recebida pelos intelectuais ligados ao PCF. Afinal, era fácil estabelecer nexos entre a problematização foucauldiana da psiquiatria e o interesse do marxismo de então pelo “estatuto da ciência e as funções ideológicas que podia veicular”. De resto, era igualmente fácil reconhecer na própria escolha da psiquiatria as interrogações que de fato Foucault desejava dirigir aos marxistas:

Se perguntarmos a uma ciência como a física teórica ou a química orgânica quais as suas relações com as estruturas políticas e econômicas da sociedade, não estaremos colocando um problema muito complicado? [...] Se, em contrapartida, tomarmos um saber como a psiquiatria, não será uma questão muito mais fácil de ser resolvida, porque o perfil epistemológico da psiquiatria é pouco definido, e porque a prática psiquiátrica está ligada a uma série de instituições, de exigências econômicas e de urgências políticas de regulamentação social? (Foucault [1979] 1984: 1)

Em compensação, as cifras nietzscheanas que, na maior parte do tempo, enquadravam estas questões tornavam rigorosamente ininteligível a mensagem aos marxistas.

### 3. FAZER O QUE DO MARXISMO?

Dois vetores contraditórios parecem, portanto, retesar o projeto da *História da Loucura*: de um lado, uma tentativa de seduzir os marxistas; de outro, o repúdio a esse exercício. Pois bem: como esta contradição se resolve na obra posterior do filósofo?

A rigor, a pergunta permanece sem uma resposta definitiva ao longo de toda a década de sessenta. Por exemplo: em um primeiro momento, a balança certamente pende para o lado da manutenção do diálogo com os marxistas, uma vez que, ao abordar a passagem da medicina clássica para a moderna, *O nascimento da clínica*, de 1963, retoma — em estilo bem mais sóbrio — o tema das relações entre o discurso científico e a dimensão político-institucional. Em compensação, *As palavras e as coisas*, de 1966, inverterá radicalmente essa tendência manifestada no livro anterior. A razão para se dizer isso é dupla: primeiramente, o campo de análise passará a ser

---

<sup>4</sup> A expressão aparece no Prefácio da *História da Loucura*.

o fato puramente discursivo, isolado de relações contextuais; ademais, o marxismo é diretamente atacado no livro, que o caracteriza sem delongas como um discurso do século XIX.

Por fim, *A arqueologia do saber*, de 1969, promoverá nova inflexão: uma vez mais, o materialismo dialético poderá ser entrevistado no horizonte das pesquisas foucauldianas, seja porque os aspectos político-institucionais estejam de volta, seja (sobretudo) porque a noção de discurso invocada no livro constitua um aceno claro para o marxismo. É que, como observa acertadamente Merquior (1985: 121), “Em *As palavras e as coisas*, discurso significava linguagem clássica, linguagem reduzida à transparência da representação. Agora [na *Arqueologia do Saber*], porém, Foucault adverte que os discursos não devem ser pensados como conjuntos de signos referentes a representações; em vez disso, devem ser compreendidos como *práticas*.”

Daí à sua assimilação à categoria marxista do trabalho é só um pequeno passo. E parece ter sido precisamente essa compreensão de discurso como prática o ponto de articulação entre *A arqueologia do saber* e o destino que a AD francesa impôs ao conceito de formação discursiva aí formulado. Mas é preciso situar este aceno ao marxismo em face do conjunto da obra de Foucault. Para quê? Em primeiro lugar, para relativizar o seu peso. Se não, vejamos.

Foucault falou em formações discursivas e em muitas outras coisas — mas os enunciados foucauldianos podem por isso ser postos todos no mesmo plano de importância?

Dir-se-ia que, quanto a esta nossa pergunta, *A arqueologia do saber* constitui um comentário sobre os escritos anteriores de Foucault, de modo que o livro teria tudo para ser lido como a síntese e a forma mais acabada de um pensamento que, com avanços e recuos, se desdobrou por toda a década de sessenta. No entanto, para começar, seria essa avaliação inteiramente verdadeira para cada frase do livro? De mais a mais, há que se considerar também o fato de que, para além de uma retrospectiva crítica, *Arqueologia do Saber* encarna uma teoria do discurso e um programa de análises que, na verdade, jamais foram ao pé da letra executados na obra posterior de Foucault. Pelo contrário: o que se vê é, na década de setenta, a reorientação desse programa em nome do projeto de uma genealogia do poder moderno.

Não que, com a reformulação do programa anunciado na *Arqueologia do Saber*, o livro tenha perdido de súbito toda a pertinência. Mas a nova direção das pesquisas foucauldianas talvez seja, por outro lado, suficiente para suspender a interpretação da *Arqueologia* como o espaço por excelência de articulação da obra anterior de Foucault. Para mim, trata-se, em alguma medida e até certo ponto, de devolver ao livro o estatuto de *simples momento na obra de Foucault*. De fato, se tivesse a consistência de uma síntese, o projeto da *Arqueologia* não teria resistido por mais tempo? A reversão das expectativas fundadas no livro não é sinal de que

certas linhas fundamentais de desenvolvimento das idéias de Foucault passavam ao largo dos enunciados da *Arqueologia*?

Se estou correto, libero evidentemente todo um campo de análise que possa fazer surgir no interior do pensamento foucauldiano séries insuspeitadas de conceitos e temas, como se *A Arqueologia do saber* não precisasse mais funcionar como instância mediadora entre os livros da década de setenta e aqueles escritos na década anterior. No limite, arrisco-me até a eventualmente caracterizar determinados aspectos do texto de 1969 como exceções às regras fixadas por algumas dessas séries a encontrar.

Ora, tal é, a meu juízo, precisamente o caso do que se pode dizer acerca da relação de Foucault com o marxismo. Procurei mostrar que, desde o seu desligamento do PCF e até a publicação da *Arqueologia*, Foucault, não sem recuos, ensaia várias vezes romper a interlocução com campo definido pelos continuadores da obra de Marx. Por outro lado, se olharmos a trajetória ulterior de Foucault, ficará então claro que a recusa do marxismo vai finalmente se impor com toda a força. Em lugar de operar com a dialética, as genealogias foucauldianas mobilizarão um conceito de historicidade cujo modelo é a “realidade aberta e aleatória” (Foucault [1979] 1984: 5) das guerras e das batalhas; em lugar da luta de classes, a guerra de “todos contra todos”, cujos átomos são “os indivíduos e até os subindivíduos” (Foucault [1979] 1984: 257); em lugar da ideologia, a materialidade dos corpos e dos efeitos do poder sobre eles; em lugar da ação conjugada dos aparelhos de Estado, um poder que vem de baixo, que se exerce no cotidiano das terminações sociais e que, se funciona globalmente, o faz a partir de articulações que começam nesse nível capilar; por fim, em lugar da determinação econômica, um funcionamento muito mais sutil, que engloba, por um lado, “um processo de sobredeterminação funcional” e, por outro, “um processo de contínuo preenchimento estratégico”. (Foucault [1979] 1984: 245).

#### 4. SUPERAR O MARXISMO

*Microfísica do Poder*, volume organizado em português por Roberto Machado, reúne, por exemplo, alguns ensaios, cursos e conferências de Foucault, além de um certo número de diálogos em que o filósofo francês tomou parte durante a década de setenta. A maioria dos textos consiste, entretanto, de entrevistas em que ele era instado a comentar e esclarecer os conteúdos de livros como *Vigiar e punir*, de 1975, ou o primeiro tomo da *História da sexualidade*, de 1976. Ora, o que desde logo chama a atenção nestas entrevistas é justamente a regularidade com que o marxismo é abordado. No fundo, pelo tom das perguntas, divisa-se nos entrevistadores a percepção de que Foucault já não desejava propriamente provocar os marxistas, ignorá-los ou muito menos flertar ocasionalmente com eles. Na verdade, tratava-se, sem mais, de superá-los.

De seu lado, Foucault não desconversa. Antes, põe todo o brilho de sua retórica a serviço de uma severa censura ao que, com uma ponta de maldade, ele ocasionalmente prefere chamar de “comunistologia” (Foucault [1979] 1984: 143).

Mas é bom que se diga: a metralhadora giratória de Foucault nunca é apontada para o próprio Marx. Inversamente, o filósofo francês faz questão de reafirmar-lhe continuamente a importância, como se de fato fosse “impossível fazer história atualmente sem utilizar uma seqüência infundável de conceitos ligados direta ou indiretamente ao pensamento de Marx e sem se colocar no campo descrito e definido por Marx”. (Foucault [1979] 1984: 142-3) Quanto à sua própria relação com a obra de Marx, o filósofo francês na mesma entrevista garante que cita Marx, mas o faz “sem colocar aspas”. Reverência a Marx, desprezo pelos marxistas: “E como eles não são capazes de reconhecer os textos de Marx, passo por aquele que não cita Marx.”

Outras entrevistas incluídas em *Microfísica do Poder* repetem e até agravam os termos dessa intimidade com Marx *lui-même*. Por exemplo: quando em 1977, Foucault fala a Bernard Henri-Lévi, faz o que ele chama de “uma comparação presunçosa”, em que o projeto de *História da sexualidade* é abertamente alinhado com o projeto de Marx no *Capital*:

O que fez Marx quando, em sua análise do capital, ele encontrou o problema da miséria operária? Ele recusou a explicação habitual, que fazia desta miséria o efeito de uma escassez natural ou de um roubo organizado. E essencialmente ele disse: considerando o quem a ser a produção capitalista em suas leis fundamentais, ela não pode deixar de produzir a miséria. [...] Marx substituiu a denúncia do roubo pela análise da produção.

*Mutatis mutandis*, foi um pouco isto o que eu quis fazer. Não se trata de negar a miséria sexual, mas também não se trata de explicá-la negativamente por uma repressão. O problema está em apreender quais são os mecanismos que, produzindo a sexualidade desta ou daquela maneira, acarretam efeitos de miséria. (Foucault [1979] 1984: 232)

E como ocorrera da outra vez, o elogio de Marx é de novo correlativo à crítica aos marxistas (no caso, Herbert Marcuse, Erich Fromm, Stephen Marcus, etc.), cujas análises da nossa “miséria sexual” recorreriam, inversamente, à repressão ou a “um interdito relativo a uma situação econômica (“Trabalhem, não façam amor!”). (Foucault [1979] 1984: 231).

Na mesma linha dessa desclassificação do marxismo, enquadra-se também o seguinte comentário, feito por Foucault em uma entrevista de 1975:

Acho que eu me distingo tanto da perspectiva marxista quanto da para-marxista. Quanto à primeira, não estou entre aqueles que tentam delimitar os efeitos de poder ao nível da ideologia. (Foucault [1979] 1984: 148).

Ora, ao tentar explicar-se melhor, Foucault é impiedoso: insinua a infidelidade dos marxistas ao próprio materialismo histórico, quer dizer, à forma de pensamento da qual eles se supõem os campeões imbatíveis:

Eu me pergunto se, antes de colocar a questão da ideologia, não seria mais materialista estudar a questão do corpo, dos efeitos de poder sobre ele. (Id. Ibid.).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se fosse vivo, Foucault já não teria razões para falar em uma comunistologia ditada pelo Partido. Pelo contrário: a verdade é que o marxismo desligou-se — ou, em certos casos, *teve que se desligar* — da experiência soviética, tornando-se com certeza mais interessante, rico e polêmico. E mais difuso também — além, é claro, de infinitamente menos prestigiado.

Em todo caso, não faltam os que, depois do vendaval, renegaram a sua filiação ou os que, ao admiti-la, fazem-no seja com uma ponta de vergonha, seja com o inverso disso, isto é, uma felicidade maníaca, que simplesmente dá as costas para o que sucedeu ao campo na década de oitenta. Quanto à AD francesa, já na origem comprometida com o pensamento-limite de Althusser, poderíamos perguntar o que é feito de seu marxismo. Ora, não pretendo responder à questão. Antes, prefiro deixá-la a quem tem a responsabilidade histórica de esclarecê-la — os próprios analistas de discursos.

Digo isso para, enfim, retornar ao texto de Fernanda Mussalin, mencionado na Introdução deste artigo. Ora, é preciso dizer que, depois de recensar admiravelmente a origem althusseriana da AD francesa, a autora, contudo, não voltará a mencionar o marxismo, deixando no ar algumas perguntas que deveriam ter lugar em seu exercício: a AD já não se refere diretamente a Althusser, mas é ainda marxista? Qual a relação do marxismo com os conceitos, vigentes na AD, de *ideologia* ou *condições de produção*? Caso não seja mais marxista, em que momento e por que razões esse desligamento ocorreu? De todo modo, o que significa ser marxista hoje?

Perguntas complexas demais para um texto introdutório? Talvez - mas o silêncio diante delas certamente significa...

Creio, de todo modo, que esse silêncio é aquilo que, em grande medida, determina a omissão acerca do que há de problemático nas relações entre Foucault e a AD francesa. Sim, pois evitar o tema do lugar do marxismo na teoria - ou, mais exatamente, abordá-lo de tal modo que, estando presente no trato das origens da AD, ele desapareça em seguida, sem deixar vestígios - é elidir o espaço epistemológico e político em que Foucault verdadeiramente instiga e fustiga a AD francesa. No lugar do silêncio dos analistas de discurso, tudo se passa como se tivesse havido - e, a rigor, ainda houvesse — um puro campo de continuidade entre a obra foucauldiana e a teoria da Análise de Discurso francesa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ERIBON, D. ([1989] 1990) *Foucault: Uma biografia*. São Paulo: Cia. da Letras.
- FOUCAULT, M. ([1961] 1978) *A História da Loucura na Época Clássica*.  
\_\_\_\_\_. ([1963] 1980) *O nascimento da clínica*. Petrópolis: Vozes.  
\_\_\_\_\_. ([1966] 1981) *As palavras e as coisas*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.  
\_\_\_\_\_. ([1969] 1987) *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes.  
\_\_\_\_\_. ([1975] 1977) *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes.  
\_\_\_\_\_. ([1976] 1985) *História da Sexualidade I*. Rio de Janeiro: Graal.  
\_\_\_\_\_. ([1979] 1984) *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- MACHADO, R. (2000) *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MERQUIOR, J. G. (1985) *Michel Foucault ou o niilista de cátedra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MUSSALIN, F. (2001) 'Análise de Discurso' in *Introdução à Lingüística*. São Paulo: Cortez.